

A obra de Julius Platzmann (1832-1902) e a Linguística Missionária no Brasil: leitura crítica da descrição da mudança do fone [r] a [n] na gramática de Anchieta

Leonardo Ferreira Kaltner

RESUMO

O filólogo-linguista e naturalista alemão Karl Julius Platzmann (1832-1902) foi um dos pesquisadores responsáveis por coligir, no século XIX, um *corpus* de textos com itens gramaticais e lexicais que formaram a base para a pesquisa no campo da Linguística Missionária, sobre a América Latina, uma das linhas de pesquisa da disciplina de Historiografia Linguística (SWIGGERS, 2013; 2019; ZWARTJES, 2011; BATISTA, 2019). Em recente artigo, Van Hal (2020) teceu considerações sobre as “gramáticas e léxicos de missionários da primeira modernidade” (*early-modern missionary grammars and dictionaries*) republicadas por Platzmann e como esse *corpus* teve uma recepção polêmica na Europa moderna do século XIX. A polêmica surgiu devido às especificidades da produção intelectual das ordens religiosas que formavam os círculos acadêmicos da América do Sul antes da secularização iluminista, entre os séculos XVI e XVIII, o que levou a Linguística moderna a marginalizar esse *corpus*, identificado com o *Ancien Régime*. Selecionei, em nosso estudo sobre as edições de Platzmann, a obra *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (ANCHIETA, 1595), cuja tradução alemã é intitulada *Grammatik der Brasiliischen Sprache, mit Zugrundelegung des Anchieta* (PLATZMANN, 1874). No artigo, analisamos um excerto da gramática de Anchieta, buscando demonstrar como o trabalho de Crítica Textual, atualmente, pode ser desenvolvido tendo os textos de Platzmann como apoio. Como exemplo, selecionamos um excerto do segundo capítulo da gramática que versa sobre a mudança do fone [X] a [n] na língua tupinambá.

Palavras-chave: *Gramáticas missionárias; Julius Platzmann; José de Anchieta.*

ABSTRACT

The German philologist-linguist and naturalist Karl Julius Platzmann (1832-1902) was one of the researchers responsible for compiling, in the 19th century, a *corpus* of texts with grammatical and lexical items that formed the basis for research in the field of Missionary Linguistics on Latin America. This is one of the lines of research

in the discipline of Linguistic Historiography (SWIGGERS, 2013; 2019; ZWARTJES, 2011; BATISTA, 2019). In a recent article, Van Hal (2020) discussed the “early-modern missionary grammars and dictionaries” republished by Platzmann and how this corpus had a controversial reception in modern Europe in the 19th century. The cultural controversy arose due to the specificities of the intellectual production of the religious orders that formed the academic circles of South America before the Enlightenment secularization, between the 16th and 18th centuries, which led modern Linguistics to marginalize this corpus, identified with the *Ancien Régime*. In the study of Platzmann’s editions, I selected the *Art of grammar of the most used language on the coast of Brazil* (ANCHIETA, 1595), whose German translation is entitled *Grammatik der Brasilianischen Sprache, mit Zugrundelegung des Anchietas* (PLATZMANN, 1874). In the article, I analyze an excerpt from Anchietas grammar, seeking to demonstrate how the work of Textual Criticism, currently, can be developed with Platzmann’s texts as support. As an example, I selected an excerpt from the second chapter of the grammar that deals with the change of the phone [r] to [n] in the tupinamba language.

Keywords: *Missionary grammars; Julius Platzmann; José de Anchietas.*

No artigo, derivado de apresentação no *II Workshop de Filosofia e Historiografia Linguística*, ocorrido em 2021, em homenagem ao professor José Borges Neto, debatemos pressupostos teórico-metodológicos para o desenvolvimento de uma Linguística Missionária crítica no Brasil. Essa perspectiva a ser debatida pressupõe-se crítica por se apoiar nos fundamentos da disciplina de Historiografia da Linguística, conforme o modelo teórico de Konrad Koerner (1996) e de Pierre Swiggers (2013; 2019; BATISTA, 2005; 2019). O campo teórico da Linguística Missionária pode ser considerado uma das linhas de pesquisa da Historiografia da Linguística (SWIGGERS, 2013), tendo tido um desenvolvimento no contexto acadêmico atual graças aos esforços de pesquisadores como Otto Zwartjes (2011), na Europa, e Cristina Altman (2006; 2019), no Brasil, sobretudo.

A Linguística Missionária busca apreender, como metaciência, reflexões acerca das obras produzidas por missionários europeus em contextos históricos específicos, como a América latina, dos séculos XVI ao XVIII (KALTNER, 2011; 2019; 2020), logo essas reflexões metateóricas que se

desenvolvem no âmbito da Historiografia da Linguística e seguem o padrão estabelecido por Swiggers de acordo com o estatuto da disciplina. Conforme apresenta Ronaldo Batista, o estatuto da Historiografia da Linguística busca revelar relações sistemáticas entre a teoria e a prática da Linguística, processo que abordamos para a leitura da gramática de Anchieta, em sua recepção por Platzmann:

Swiggers resume o estatuto da Historiografia da Linguística da seguinte forma: ela se caracteriza como uma disciplina científica que tem por objetivo estruturar seu objeto de estudo (que são as teorias e práticas de análise linguística) numa série de relações sistemáticas, levando também em conta observações derivadas das abordagens da metodologia da Linguística e da história das ideias. Conforme essa definição do estatuto e do objeto, há a reflexão a respeito da natureza desse objeto e da constituição dessa historiografia como metaciência, isto é, como um posicionamento que interpreta práticas de uma ciência ou área de saber (BATISTA, 2019, p. 14).

Uma das características da Linguística Missionária é a sua interdisciplinaridade acentuada, pois o seus objetos de estudo primários: as “gramáticas e léxicos de missionários da primeira modernidade” (*early-modern missionary grammars and dictionaries*) (VAN HAL, 2020) são um tema culturalmente controverso para a Linguística moderna desde o século XIX, quando ocorreu a sistematização de conhecimentos científicos no contexto europeu. As gramáticas e léxicos escritos por missionários na América Latina, entre os séculos XVI e XVIII, eram produtos culturais do *Ancien Régime*, desenvolvidos por uma intelectualidade derivada de ordens religiosas, que entraram em conflito com a secularização e o movimento científico posterior na Europa, mas ainda formavam a intelectualidade central em contextos como a América Latina. Dessa forma, as gramáticas e os léxicos de missionários situam-se, a partir de um olhar moderno, entre a teologia e a linguística, devido às especificidades do seu contexto histórico, diferentemente das ciências laicizadas.

Em recente artigo, Toon Van Hal (2020) debateu essa recepção europeia, no século XIX, das gramáticas e léxicos de missionários. Inicialmente, na sistematização científica do conhecimento essas obras não tiveram grande relevo, tendo sido um *corpus* marginalizado, por seu caráter anti-secularista. Somente com um maior interesse sobre as línguas indígenas da América latina, no contexto europeu, houve um resgate dessas obras, tendo sido o trabalho filológico-linguístico de Karl Julius Platzmann (1832-1902) o mais relevante nesse sentido, após as publicações das obras dos irmãos Humboldt e de Carl von Martius (1794-1868). Segundo Van Haal

(2020), a principal polêmica, acerca desse *corpus* de gramáticas e léxicos de missionários europeus e latino-americanos, foi se a Linguística moderna consideraria válido um conhecimento desenvolvido ainda sob a égide da teologia, base da sistematização de conhecimentos pelas ordens religiosas antes do Iluminismo. Platzmann demonstrou que as gramáticas missionárias poderiam ser reinterpretadas à luz das novas teorias linguísticas de sua época, tendo retomado o estudo das obras.

Platzmann publicou uma tradução oitocentista, para a língua alemã, da *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (ANCHIETA, 1595), cujo autor foi o missionário e humanista José de Anchieta (1534-1597). A obra traduzida foi publicada na Alemanha sob o título de *Grammatik der Brasilianischen Sprache, mit Zugrundelegung des Anchieta* (PLATZMANN, 1874). A versão da gramática, feita pelo filólogo-linguista, para o alemão é uma das bases para a interpretação e Crítica Textual modernas da obra do missionário quinhentista. Uma das recepções da obra de Platzmann deu-se na edição de Armando Cardoso da gramática de Anchieta ([1595] 1990), na organização dos *Monumenta Anchieta*, que é a edição mais conhecida da gramática no cenário acadêmico do Brasil.

Assim, a polêmica oitocentista, acerca das obras anteriores à secularização, só se apazigou, no desenvolvimento da Linguística moderna quando surgiu um maior interesse quanto às línguas indígenas da América latina. O estudo histórico da formação de sociedades coloniais, como a América portuguesa, renovou o interesse por línguas indígenas ainda não conhecidas na Europa. Nesse sentido, o valor das obras dos missionários como fonte para o estudo da história das línguas indígenas é inegável. Logo, o ostracismo à produção intelectual das ordens religiosas, sobretudo em relação aos jesuítas, foi parcialmente superado, ainda no século XIX, para a compreensão das línguas indígenas latino-americanas.

Para a formação da identidade nacional do Brasil, no Segundo Reinado, por exemplo, contexto político à época de Platzmann, a obra de Anchieta foi considerada de suma importância, ainda que se voltasse ao antigo passado colonial. Além das motivações culturais e históricas, o patrimônio intelectual da época da colônia passa a ser reconsiderado no século XIX em relações territoriais e geográficas, como se as fronteiras delimitadas pela colonização de espanhóis e portugueses devesse ser o marco geográfico para os novos modelos de Estado surgidos na América Latina do século XIX. De certa forma, o equilíbrio de poder no continente só foi mantido porque as delimitações geográficas dos novos Estados-nação respeitaram, dentro de limites políticos, as fronteiras culturais comprovadas por documentos históricos.

Nesse sentido, podemos compreender como a obra de Platzmann auxiliou, por exemplo, às pesquisas de círculos intelectuais como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que tinha por intuito desenvolver pesquisas

históricas e geográficas necessárias à afirmação da identidade nacional, tanto relacionadas à cultura quanto à política externa. A própria tradução de Platzmann dos verbetes “língua mais usada na costa do Brasil” para “brasilianische Sprache” (língua brasileira) já reflete a questão da formação dos nacionalismos em sua obra. Em suas edições da gramática de Anchieta há o registro do fato de ter sido agraciado por D. Pedro II com o título de Cavaleiro da Ordem Imperial Brasileira da Rosa. O imperador brasileiro era um conhecido entusiasta do estudo de línguas, o que também pode ter motivado o apoio às edições de Platzmann: “Some of the rulers and monarchs from the new national states turned out to be fascinated with language studies and linguistics. Emperor Pedro II of Brazil, for instance, was a great champion of language study” (VAN HAL, 2020, p. 77).

1. A contribuição de Platzmann para a Crítica Textual da gramática de Anchieta

As edições de Platzmann não se restringiram à obra de Anchieta, ainda que tenha publicado uma tradução em língua alemã da obra, de forma inédita à sua época. Entre as suas obras, pode-se destacar também a edição em quatro volumes dos textos do missionário António Ruiz de Montoya (1585-1652), que descreveu a língua guarani no contexto colonial da América espanhola. Da lavra de Montoya, temos uma gramática da língua, dois léxicos (dicionário e *tesoro*) e uma tradução do catecismo para a língua indígena.

A obra de Montoya é o exemplo de um padrão do pensamento linguístico seguido pelos missionários da América Latina, geralmente eram escritas gramáticas descrevendo a língua indígena, organizados textos com itens lexicais e traduzido um catecismo para a doutrinação cristã, que formavam o que Auroux (1992) compreendia como as “tecnologias da gramatização” (AUROUX, 1992). Platzmann publicou, além das obras de Anchieta e Montoya, também a gramática de Figueira (1621), os vocabulários de Bertónio e Molina e a gramática de Rubio, todos missionários. A filóloga Carolina de Michaëlis, em breve artigo, registrou a produção intelectual de Platzmann:

71

1. *Verzeichniss einer Auswahl amerikanischer Grammatiken, Wörterbücher, Katechismen etc. gesammelt* von J. P. Leipzig, 1876; K. F. Köhler. Em 8.º de 38 pág. -Preço 4 Marcos (o marco= 250 reis.) É a bibliografia geral.
2. Anchieta (Jos. de) *Arte de Grammatica da Lingua mais usada na costa do Brasil*, novamente dada à luz por J. P. Leipzig, 1874. Teubner. Em 8.º de XII -82 pág. - 8 Marcos. A mesma obra apareceu em edição fac-simile, 1876, em 16.º -20 Marcos.

3. *Grammatik der brasilianischen Sprache mit Zugrundelegung des Anchieta herausgegeben von J. P. Leipzig, 1874.* Id. Em 8.º de XIII- 178 págs., 8 Marcos. É o trabalho original do Dr. Platzmann, tomando Anchieta por base.
4. Montoya (A. R. de) *Arte, Vocabulario, Tesoro y Catecismo de la lengua Guarani publicada nuevamente sin alteración alguna por J. P. Leipzig, 1876* Id. em 8.ª Edição vulgar 48 Marcos; em papel Holanda 100 Marcos. Vol. I: Introdução histórica-literária 100 págs.; Arte ou gramática 100 págs. Vol. II: Vocabulário 500 págs. Vol. III: Tesouro 800 págs.; Vol. IV: Catecismo 350 págs.
5. Figueira (P.e Luiz) *Gramática da língua do Brasil.* Novamente publicada por J. P. Leipzig, 1878, Id. Em 16.º de XV I - 168 págs. (fac-simile) - 5 Marcos.
6. *Vocabulário de la lengua aymára compuesto por el Padre Ludovico Bertonio,* publicado de nuevo por J. P. Leipzig, 1879 Id. Parte I. Em 8º de 4 73 págs. -20 Marcos. Parte II Em 8.º de 399 págs. -18 Marcos. Ed. em papel de Holanda 30 e 27 M. Parte III Arte de Gramática de D. de Torres Rubio.
7. Molina. (Fr. Alonso de) *Vocabulário de la lengua mexicana.* Publicada de nuevo por J. P. Leipzig, 1880. Id. Em 4.º gr. de VIII-121 págs. e II-162 págs. (fac-simile).
8. *Aus der Bai von Paranaguá* von J. P. Leipzig, 1873. Em 8.0-gr. de IV-272 págs. Com um mapa - 8 Marcos. São as cartas do autor (VASCONCELOS, 1998, p. 110).

Há quatro edições registradas da gramática de Anchieta: a *editio princeps* de 1595 (ANCHIETA, 1595), duas edições de Platzmann: uma edição fac-símile e a tradução alemã (PLATZMANN, 1874; 1876) e, por fim, a edição crítica com tradução de Armando Cardoso (1990 [1595]). Houve algumas reedições da edição fac-símile de Platzmann pela Fundação Biblioteca Nacional no Brasil, além de reedições na própria Alemanha.

O filólogo Armando Cardoso valeu-se das edições oitocentistas de Platzmann para organizar a sua edição crítica nos *Monumenta Anchietana*, ainda que haja grandes discrepâncias entre as traduções do naturalista alemão e do filólogo luso-brasileiro se compararmos ambas as edições. De certa forma, podemos notar que não há ainda uma edição crítica da gramática de Anchieta, no Brasil, que resolva todas as controvérsias da obra quanto à tradução dos itens lexicais na língua tupinambá (RODRIGUES, 2013a) e na análise objetiva da metalinguagem quinhentista empregada pelo missionário.

Assim, as edições de Platzmann contribuíram e contribuem para o desenvolvimento não só da Linguística Missionária, mas também para os estudos filológicos de Crítica Textual sobre este *corpus* tão específico. Até os

dias de hoje suas edições estão entre as principais fontes para as pesquisas de Crítica Textual que se debruçam sobre a gramática de Anchieta e outros textos escritos pelos antigos missionários da primeira modernidade na América Latina.

2. Um exemplo: o processo fonológico da mudança do fone [r] a [n] na língua tupinambá

Selecionamos um excerto da tradução da gramática de Anchieta feita por Platzmann para apresentar como exemplo de trabalho de Crítica Textual da gramática. O processo metodológico consiste, inicialmente, em uma *collatio codicum* (BASSETTO, 2013) das duas versões da gramática: o original quinhentista e a tradução alemã oitocentista. Em seguida, apresentamos uma versão para o português da tradução alemã, com a finalidade de interpretar o pensamento linguístico de Platzmann e a sua recepção da gramática de Anchieta. Nossa intuito é descrever como a sua leitura da gramática de Anchieta se processou, no século XIX, tanto na tradução dos itens lexicais da língua tupinambá, quanto na análise do fato linguístico apresentado no excerto da gramática que nos serve de exemplo.

O excerto selecionado apresenta, conforme a teoria fonológica atual, um processo fonológico da mudança do fone [r] a [n] em alguns casos específicos da língua tupinambá, anotados por Anchieta. Na gramática humanística quinhentista esse processo fonológico era vinculado ao antigo conceito de “metaplasmo” (*metaplasmus*), corrente à época da gramática de Anchieta e mesmo à época de Platzmann, ainda que não tenha sido citado diretamente pelo missionário quinhentista, nem pelo naturalista alemão. O processo fonológico em questão, na perspectiva da Linguística Histórica, pode ser considerado uma assimilação regressiva consonantal (COUTINHO, 1976; GABAS JR, 2012), ora total, quando precede [n], ora parcial, quando precede [m] ou “til”, pois a regra geral descrita pelo gramático quinhentista apresenta que o fone [r] só sofre essa assimilação quando precede [n], [m] ou “til”, este último um registro de marca de nasalização.

Note-se que Anchieta ao descrever esse fato linguístico da língua tupinambá tentou aproximar a sua descrição à fonologia da língua portuguesa, como superstrato (CAVALIERE, 2001; 2007), tendo em vista que o missionário adaptou o resultado dessa mudança, de um tepe alveolar [r] nasalizado foneticamente [r̃], para o fone [n], do português¹. Por adequação teórica (KOERNER, 1996), podemos descrever esse processo fonológico

¹ Segundo Braga (1995/1996, p. 12), nas línguas Tupi, o fonema /r/ apresenta três alofones: um flepe, um tepe [r̃] e uma lateral, este último por influência do português. A nasalização regressiva nas línguas Tupi é um fato linguístico observável até os dias de hoje (BRAGA, 1995/1996, p. 19), que resulta em um tepe nasalizado: [r̃], interpretado por Anchieta como um fone [n].

da mudança do fone [r] a [n] na língua tupinambá, descrito por Anchieta, como uma nasalização regressiva da consoante vibrante alveolar simples [r] (CRISTÓFARO-SILVA, 2013; CÂMARA Jr, 2009; CALLOU, LEITE, 1990).

Vejamos o excerto da gramática quinhentista em transcrição semidiplomática:

¶ R. mudase em, n. onde præceder til. m. ou, n. in vltima syllaba, vt in futuro conjunctiui, *nupa*^â, *nupâneme*, pro *nupâreme*, *irumô*, *irumôneme*, & sic de cæteris vt suprâ.

Nos participios em, *çára* no presente quando perdē o, ç, vt *çarôçára*, *çarôána*, *irumoçára*, *irumoána*, &c.

No futuro podem ter, r. ou, n. vt *çarôanáma*, *çarôaráma*, &c.

Nos formados em, *amo*, ou no futuro, vt. *tî*^â, *tînamo*, *tînáma*, pro *tîramo*, *tîráma*.

Nos futuros dos verbaes que tem, *mi*, vt, *minupa*^â, *minupânáma*, vel, *rama*, estes o vfo os infina: por que tambem algûas vezes o, r. ferue por, n. vt *ibârèma*, *çapôréma*, pro, *nema*.

E nos verbos compostos, *ro*. & *no*. fão o mesmo. vt, *açêm*, simples, *anoçêm*, vel *aroçêm*, compostos (ANCHIETA, 1595, p. 3v).

Para Platzmann, esse excerto da gramática equivale aos parágrafos 21 e 22 de sua tradução alemã (PLATZMANN, 1874, p. 7), que veremos a seguir. Após o texto alemão, apresentamos nossa tradução interpretativa com apoio na tradução de Platzmann. Nossa versão foi desenvolvida por um trabalho crítico pelo método da *collatio codicum* de ambas as edições, tomando como referência principalmente a versão alemã, logo mativemos a grafia dos itens lexicais da língua tupinambá conforme a sua tradução, tema central de nosso artigo. Para a conferência da versão alemã, nos valemos de outras fontes de estudo da língua tupinambá, como a edição de Armando Cardoso (ANCHIETA, [1595] 1990) e os estudos de Aryon Rodrigues (2013a; 2013b; [1953] 2013c):

§ 21.

r verwandelt sich in *n*, wenn in der letztvorhergehenden Silbe Til, *m* oder *n* steht, wie im Futurum des Conjunctivs: *nupa* schlagen, *nupâneme* für *nupâreme*, wenn man schlagen wird; *irumo*, in Gesellschaft sein, *irumóneme*, für *irumóreme*, wenn man in Gesellschaft sein wird.

In den Verbalien des Präsens mit der Endung *çára*, wenn sie das ç verlieren: *çarôçára*, *çarôána*, der Hoffende; *irumoçára*, *irumoána*, der Gesellschafter u. s. w.

KALTNER, L.F.
A obra de Julius Platzmann (1832-1902) e a Linguística Missionária no Brasil: leitura crítica da descrição da mudança do fone [r] a [n] na gramática de Anchieta

Im Futurum können sie sowohl *r* als *n* haben: *çarōanáma* oder *çarōaráma*, der, welcher hoffen wird, u. a.

§ 22

In den Bildungen mit der Endung *amo* oder im Futurum: *ti[^]*, sich schämen, *tinamo*, indem man sich schämt, *tináma*, sich schämen werden, für *tiramo* und *tiráma*.

Im Futurum der Passivverbalien mit *mi*, z. B. *minupa[^]*, der, welcher geschlagen wird, *minupánáma*, der, welcher geschlagen werden wird. Ob *ráma* oder *náma* wird der mündliche Umgang lehren, denn nicht immer wird zwischen *r* und *n* unterschieden, z. B. *ibaréma*, Lauch, und *ibanéma*; *çaporéma*, Süßwurz, und *çaponéma*.

Endlich in mit *rò*, mithandelnd verursachen, zusammen-gesetzten Zeitwörtern wird ebenso *rò* als *nò* gebraucht, z. B. *acém*, ich gehe aus, *anocém* oder *arocém*, ich treibe aus. (PLATZMANN, 1874, p. 7).

Nossa proposta de tradução e edição interpretativa, tendo Platzmann como principal fonte:

(21) [r] muda-se em [n], se preceder na última sílaba um til, [m] ou [n], como no futuro do conjuntivo: *nupā* (bater), *nupāneme* por *nupareme* (quando bater); *irumo* (reunir, estar em companhia de), *irumóneme* por *irumóreme* (quando reunir).

Nos verbais do presente com terminação *çára*, se perdem o *ç*: *çarōçára*, *çarōána* (o que guarda); *irumoçára*, *irumoána* (o agente) etc.

No futuro, eles podem ter [r] e [n]: *çarōanáma* ou *çarōaráma* (aquele que guardará), etc.

(22) Nas formações terminadas em *amo* ou no futuro: *ti[^]* (envergonhar-se), *tinamo* (para se envergonhar), *tináma* (o que será vergonha), para *tiramo* e *tiráma*.

No futuro dos verbais passivos com *mi*, por exemplo, *minupa[^]* (o que é atingido), *minupánáma* (o que será atingido). Se é *ráma* ou *náma*, ensinará a fala, porque nem sempre é feita uma distinção entre [r] e [n], por exemplo, *ibaréma* (alho-poró) e *ibanéma*; *çaporéma* (raiz-doce) e *çaponéma*.

Por fim, em formas verbais formadas com *rò*, também ocorrerá o mesmo fato, pois *rò* é empregado junto a *nò*, por exemplo: *acém* (eu saio), *anocém* ou *arocém* (eu saio junto contigo).

75

3. Comentários: a recepção de Anchieta por Platzmann

Platzmann traduziu para o alemão a gramática de Anchieta, tendo buscado adaptar os conceitos da gramática missionária quinhentista à descrição linguística vigente na Alemanha do século XIX, o que comentamos nessa seção do artigo. No contexto intelectual em que sua tradução foi desenvolvida predominava o método histórico-comparativo, dessa forma, os metatermos empregados derivaram da tradição linguística de seu clima de opinião (KOERNER, 1996). Isso justifica também o fato de aproximar a sua tradução alemã a metatermos da gramática latina, como veremos. A fim de compreendermos as escolhas tradutórias do naturalista e filólogo alemão, pelas quais podemos depreender o seu pensamento linguístico (SWIGGERS, 2013; 2019), analisamos os metatermos que empregou, assim como tecemos considerações sobre o fato linguístico analisado e sua tradução dos itens lexicais da língua tupinambá.

O linguista Aryon Rodrigues desenvolveu no texto *A morfologia do verbo Tupi* (RODRIGUES, [1953] 2013c) um debate linguístico mais atual sobre o mesmo tema tratado por Anchieta no excerto que analisamos de sua gramática. O texto de Rodrigues servirá de contraponto para o debate sobre os fatos linguísticos apresentados pelo missionário quinhentista e traduzidos para o alemão pelo naturalista oitocentista, como veremos mais adiante. Além da análise linguística proposta por Rodrigues ([1953] 2013c), faremos uma comparação com a tradução mais recente da obra, desenvolvida por Armando Cardoso (Anchieta, [1595] 1990), assim como com o dicionário de Navarro (2013), acerca da tradução de alguns itens lexicais da língua tupinambá por Platzmann.

A descrição gramatical de Anchieta segue um padrão de apresentação dos fatos linguísticos, como pudemos notar. Esse padrão pode ser encontrado ao longo da obra, tendo sido derivado da descrição de fatos gramaticais das gramáticas humanísticas quinhentistas, tradição em que Anchieta se inseriu. Há a formulação de uma regra geral, que é exemplificada a seguir com um exemplo padronizado, de que se deduz a regra. Na sequência, são descritas as especificidades do fato linguístico, pela apresentação de casos específicos da língua, de forma indutiva, que buscam exaurir o tema e confirmar a regra. A regra geral do excerto analisado, pela interpretação de Platzmann, apresenta a seguinte formulação: “[r] muda-se em [n], se preceder na última sílaba um til, [m] ou [n]”. Essa regra geral é seguida de um par de exemplos: “como no futuro do conjuntivo: *nupã* (bater), *nupāneme* por *nupareme* (quando bater); *irumo* (reunir), *irumóneme* por *irumóremo* (quando reunir)”.

O item lexical *nupā* [nupã], da gramática quinhentista, é um verbo no infinitivo, tendo sido traduzido por Platzmann como “*schlagen*” (agredir), Rodrigues ([1953] 2013c, p. 137) e Cardoso (ANCHIETA, [1595], 1990, p.

153) utilizaram uma expressão mais específica: “açoitar”, conforme o contexto quinhentista, contextualizado no âmbito da violência colonial. Note-se que o naturalista alemão também não grafou o til em sua edição oitocentista. O dicionário de Navarro (2013, p. 330) registra os seguintes significados para *nupã*: castigar, açoitar, espancar e dar pancadas. De qualquer forma, Platzmann parece ter optado, como método, por um significado mais geral para a tradução dos itens lexicais, além de ter modificado a grafia original de Anchieta desses itens lexicais.

O pensamento linguístico de Anchieta, vinculado à tradição gramatical humanística, era pautado por uma simplificação da descrição linguística, tendo sido bem sucinto em suas formulações. Mesmo que houvesse um longo processo de dedução lógica, na formulação de regras gerais da língua tupinambá, essa dedução era apenas exemplificada e não havia um debate sobre a regularidade da língua. Os conceitos de analogia (regularidade) e de anomalia (irregularidade) da gramática latina eram conhecidos à época de Anchieta, logo a sucessão de fatos linguísticos apresentados na gramática do missionário parecem ter uma sequência demonstrativa. Dessa forma, Anchieta apresentou ainda um segundo exemplo, para corroborar a sua hipótese da mudança de fones, antes de ingressar nos casos específicos: “assim como *irumô* (reunir, estar em companhia de), que forma *irumô-neme* (quando reunir)”. Os dois primeiros exemplos atestam uma regularidade na língua tupinambá, pelo princípio de analogia.

Note-se que a tradução de Platzmann “*in Gesellschaft sein*” (estar em reunião) privilegia o sentido do verbo de reunir pessoas, enquanto a tradução mais recente de Cardoso: “aumentar” (ANCHIETA, [1595] 1990, p. 153) privilegia o sentido de reunir, juntar coisas. Essa dualidade semântica encontra-se na língua portuguesa no sentido de “reunir” e “reunir-se”, e parecia já estar expressa na língua tupinambá. Por fim, após a analogia das formas, Anchieta reafirmou a generalização da regra gramatical com o desfecho, valendo-se do “*et caetera*”: “e assim nos casos restantes”. Dessa forma, essa mudança de fones teria sido considerada uma regra geral do sistema linguístico da língua tupinambá pelo gramático. Após a apresentação da regra geral, especulada pelo processo de analogia, que determinava a regularidade da língua, o missionário registrou as anomalias, ou as formações irregulares da língua afetadas pelo mesmo fenômeno, entendido no século XVI ainda como uma espécie de metaplasmo.

O par: *nupã-n-eme* – *nupa-r-eme* (quando bater, na interpretação de Platzmann), para Aryon Rodrigues ([1953] 2013c, p. 133) é descrito como uma formação do subjuntivo da primeira conjugação da língua tupinambá: “que açoite”, em que o morfema *-eme* pode sofrer a epêntese de um *r*- ou *n*-, de acordo com a terminação do radical verbal: “a) se o tema termina em vogal oral, intercala-se *r* entre êle e o sufixo: t. só I intr. ‘ir’, subj. *só-r-eme*; b) se o

tema termina em vogal nasal ou nasalizada, intercala-se n entre êle e o sufixo (cf. 0.3.a): t. *nupã* I tr. ‘açoitar’, subj. *nupã-n-eme*” ([1953] 2013c, p. 133). A descrição de Anchieta e de Platzmann não identifica os morfemas, devido ao desenvolvimento do pensamento linguístico à sua época. Anchieta apenas registra o tempo verbal como “o futuro do conjuntivo” (*in futuro coniunctivi*), o que Platzmann segue.

Após apresentar os dois exemplos gerais, Anchieta inicia a descrição dos casos específicos de mudança dos fones na língua tupinambá, tendo apresentado, com base na gramática latina, o mesmo fato linguístico em “particípios” presentes identificados na língua. Platzmann refere-se a esses participípios como “verbais do presente” (*Verbalien des Präsens*): “Nos verbais do presente com terminação *çára*, se perdem o *ç*: *çarõçára*, *çarôána* (o que guarda); *irumoçára*, *irumoána* (o agente) etc.”. Para Anchieta, a terminação “*çára*” era considerada uma forma de participípio presente, por analogia com a gramática latina, como Platzmann apenas traduziu o texto e não o comentou, manteve essa perspectiva.

Todavia, Aryon Rodrigues nos ensina que o sufixo -ar é um nominalizador de agente, em relação aos verbos da língua tupinambá, logo: “o nome do agente forma-se dos temas transitivos e intransitivos, com o sufixo -ár: t. *moñáng* I tr. ‘fazer’, n. ag. *moñáng-ár-a* ‘autor’” ([1953] 2013c, p. 143), que também tem como marca o “caso argumentativo”: -a, na forma -ar-a. Já o s-, que para Anchieta era *ç*, é apenas um elemento epentético, intercalado com temas verbais terminados em vogal oral, quando o tema verbal é terminado em vogal nasal há a perda desse elemento epentético. Logo, o s- não pode ser considerado uma parte do sufixo, apenas um elemento de eufonia, Anchieta ao buscar aproximar a língua tupinambá da gramática latina interpretou o *ç*- como parte do sufixo -ar.

Dessa forma, a perda desse elemento epentético é o caso específico evidenciado pelo missionário quinhentista, em que há o registro também da mudança de fones apresentada no exemplo gramatical, com duas mudanças, isto é: *çarõçára* passa a *çarôána*, perde o *ç*- e o *r*- passa a *n*-. No pensamento linguístico de Anchieta, pautado pela gramática latina, essa poderia ser considerada uma anomalia, ou irregularidade da língua. O que Anchieta considerou como um participípio presente, por influência da gramática latina, é considerado por Aryon Rodrigues como um nome deverbativo, ou nome de ação ([1953] 2013c, p. 142).

O fato linguístico apresentado a seguir por Anchieta é a formação de um participípio futuro, também em relação a uma descrição linguística pautada pela gramática latina, vejamos na interpretação de Platzmann: “No futuro, eles podem ter [r] e [n]: *çarôanáma* ou *çarôaráma* (aquele que guardará), etc”. Para o item lexical, adotamos uma tradução próxima a de Cardoso (ANCHIETA, [1595] 1990, p. 154), tendo em vista o sentido

transitivo do verbo, diferentemente da interpretação original de Platzmann. Já na descrição linguística de Aryon Rodrigues temos o morfema -ám de futuro nominal ([1953] 2013c, p. 143), antecedido por um nominalizador de agente -an-, e sucedido por um marcador de caso argumentativo: an-ám-a. É no nominalizador de agente -an- que ocorre a mudança de fone [r] em [n], por conta da vogal nasal do tema verbal. Segundo Rodrigues, o futuro nominal possui três formações: “-r-ám, -n-ám, -u-ám” ([1953] 2013c, p. 143), e Anchieta confrontou as duas formas: “r-ám-a” e “n-ám-a”.

Platzmann dividiu o texto de Anchieta em um outro parágrafo, tendo dado início a um outro segmento de descrição de fatos linguísticos da língua tupinambá. O primeiro fato linguístico apresentado no novo parágrafo são duas formações com o verbo *ti[^]* (envergonhar-se) e com o substantivo *ti[^]* (nariz; vergonha): “Nas formações terminadas em *amo* ou no futuro: *ti[^]* (envergonhar-se), *tinamo* (para se envergonhar), *tináma* (o que será vergonha), para *tiramo* e *tiráma*”. No primeiro caso, temos -amo, uma possível variante nasal do morfema -abo, formador do gerúndio, conforme Rodrigues ([1953] 2013c, p. 130). O sufixo -abo é empregado em temas terminados em vogal, já sua variante nasal -amo teria sofrido a influência da vogal nasal do tema verbal. No segundo exemplo, se registra uma forma nominal (tī) do futuro (-am-), acrescido do caso argumentativo (-a), com epêntese do -n-: tī-n-am-a, “o que será vergonha”. Platzmann traduziu o segundo exemplo por: “*sich schämen werden*” (o que vai se tornar vergonha), não tendo interpretado diretamente como substantivo, mas como infinitivo substantivado.

Culturalmente, o termo abstrato vergonha poderia estar relacionado ao olfato, ao cheiro para os indígenas, mais do que à visão, como no mundo ocidental, caso da vergonha da nudez, no caso dos colonizadores europeus, no século XVI. Ter vergonha, no contexto quinhentista da gramática de Anchieta, poderia ser interpretado como cobrir o nariz, o rosto, o que teria motivado a derivação do substantivo em verbo na percepção dos missionários, que utilizaram o mesmo termo tī, grafado por Platzmann *ti[^]*, para o sentido de nariz e de se envergonhar.

O fato linguístico apresentado a seguir é tratado por Platzmann como o “*Futurum der Passivverbalien*”, isto é, formas nominais do futuro na voz passiva, o que Anchieta, por comparação da gramática latina muito provavelmente associou às formas de gerundivos (*gerundivi*), os particípios futuros passivos do latim. Aryon Rodrigues descreve essas formas como “nomes de objetos” ([1953] 2013c, p. 146), cujo morfema é o prefixo emi-(*embi-*), tendo sido registrado como *mi-* por Anchieta. Vejamos a tradução dos exemplos, pela interpretação de Platzmann: “No futuro dos verbais passivos com *mi*, por exemplo, *minupa[^]* (o que é atingido), *minupánáma* (o que será atingido)”. A segunda forma *mi-nupã-n-ám-a* pode ser analisada, morfologicamente, da seguinte forma: 1) nominalizador objeto (*mi-*) –

2) bater (-*nupā-*) – 3) epentético (-*n-*) – 4) futuro nominal (*ám*) – 5) caso argumentativo (*a*) (RODRIGUES, [1953] 2013c).

Outro fato linguístico descrito por Anchieta e traduzido por Platzmann diz respeito a substantivos compostos em que não foi possível ao missionário distinguir entre os fones [r] e [n], essa indefinição demonstra a proximidade de ambos os sons na fala e como se confundiam facilmente para um falante europeu: “Se é *ráma* ou *náma*, ensinará a fala, porque nem sempre é feita uma distinção entre [r] e [n], por exemplo, *ibaréma* (alho-poró) e *ibanéma*; *çaporéma* (raiz-doce) e *çaponéma*”.

Além das mudanças de fones, chama a atenção o fato de os substantivos empregados se referirem a plantas trazidas pelos colonizadores europeus. O termo *ibâ-rèma* (alho, fruto fedorento) equivalia para os indígenas a um “fruto podre, fedorento”, segundo as lições de Cardoso (ANCHIETA, [1595] 1990) e Navarro (2013), todavia o *Vocabulário na língua brasílica* registrou o sentido de “alho” para esse fruto que desagradava aos indígenas, lição registrada por Platzmann como “*Lauch*” (alho-poró).

Já o segundo substantivo *çapôréma*, que pode ser traduzido por “raiz estragada”, também foi traduzida por Platzmann por “*Süsswurz*” (raiz-doce), isto é, o que era doce para os europeus era considerado ruim para o paladar indígena, em sua interpretação. Na língua portuguesa do Brasil, o substantivo “saporema” significa uma doença na raiz da mandioca, um estado em que o vegetal se torna impróprio ao consumo.

O último fato linguístico registrado por Anchieta e traduzido por Platzmann nesse excerto da gramática diz respeito a verbos compostos com -ro/no, marca da voz causativo-comitativa, segundo Rodrigues pelo prefixo *ero-*: “Forma-se esta voz também dos temas intransitivos, inclusive os nominais, com o prefixo *ero-*” (RODRIGUES, [1953] 2013c, p. 136). A voz causativo-comitativa indica o fato de o sujeito praticar a ação e sofrer a mesma ação ao mesmo tempo. Conforme a tradução de Platzmann, temos: “Por fim, em formas verbais formadas com *rò*, também ocorrerá o mesmo fato, pois *rò* é empregado junto a *nò*, por exemplo: *acém* (eu saio), *anocém* ou *arocém* (eu saio junto contigo)”. O naturalista alemão emprega a tradução “*ich treibe aus*” (eu expulso) para *anocém* ou *arocém*, que na voz causativo-comitativa indicaria o significado de “eu saio contigo”, pois o ato de expulsar é equivalente ao ato de conduzir alguém para fora de algum lugar e sair junto.

4. Considerações finais

Por conta das publicações de Platzmann, o extenso e diversificado *corpus* textual formado pelas gramáticas e léxicos escritos por missionários na América Latina participou do contexto intelectual das renovações científicas da Filologia e da Linguística modernas no cenário europeu

oitocentista. O naturalista alemão tirou do esquecimento essa produção intelectual, que é fundamental para compreender o pensamento linguístico e as práticas gramaticais na América Latina do período colonial, na primeira modernidade. As línguas indígenas, nesse contexto, possuíam um alto valor cultural e identitário, como os idiomas nacionais, o espanhol e o português, oriundos de imigração europeia.

Nesse sentido, até os dias de hoje, por exemplo, o guarani representa culturalmente a identidade nacional paraguaia, ao lado do espanhol. No Brasil, as línguas indígenas estão presentes nos principais topônimos de antiga ocupação colonial, e a percepção do tupinambá como uma das línguas de formação da cultura nacional ainda é uma constante. O passado indígena é retomado em práticas culturais e na educação escolar, assim como a questão indígena atual se relaciona com a defesa da Floresta Amazônica, por exemplo, na dimensão social e política. As línguas, e culturas, descritas por missionários no período colonial da América latina formam uma das principais marcas identitárias dos povos do México, Peru, Bolívia, em sua diversidade plural como herdeiros do passado colonial comum da antiga América espanhola (EDELWEISS, 1947).

Nesse aspecto, Platzmann ao perceber o valor desse passado colonial, como um passado “clássico” da antiga América Latina, reuniu os principais textos com reflexões metalinguísticas a que teve acesso, a fim de formar um *corpus* que se enquadra na atual perspectiva da Linguística Missionária. Seu papel de transmitir à geração de cientistas modernos os textos dos antigos missionários permite-nos ter uma visão teórica dessas obras como um conjunto, a fim de interpretá-las, o que, por fim, nos auxilia a compreender o desenvolvimento da história do pensamento linguístico e das práticas gramaticais no contexto de transmissão das obras dos missionários. Ainda que teorias linguísticas atuais apresentem soluções científicas para a descrição e a história das línguas indígenas do Brasil, como pudemos notar na teoria descritiva de Aryon Rodrigues, a obra de Platzmann ainda ocupa lugar de relevo na história do pensamento linguístico ocidental, por ter mantido a continuidade do estudo das línguas indígenas no século XIX e ter servido de inspiração para estudiosos posteriormente. Sua obra demonstra que o interesse nas línguas indígenas do Brasil possui uma tradição contínua no desenvolvimento da história do pensamento linguístico do Ocidente, o que motiva e inspira novos estudos até os dias de hoje.

Referências

ALTMAN, Cristina et al. *Historiografia da Linguística*. Organizado por Ronaldo Batista. São Paulo: Contexto, 2019.

ALTMAN, Cristina. As partes da oração na tradição gramatical do Tupinambá/Nheengatu. *Limite: Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía*, Extremadura: Universidad de Extremadura, 2006, n. 6, p. 11-51.

ANCHIETA, José de. *Arte de grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil*. Coimbra: António de Mariz, 1595.

ANCHIETA, José de. *Artes de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Introdução, estabelecimento de texto e notas de Armando Cardoso. São Paulo: Loyola, [1595] 1990.

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de Filologia Romântica*. São Paulo: EdUsp, 2013.

BATISTA, Ronaldo. Descrição de línguas indígenas em gramáticas missionárias do Brasil colonial. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*. São Paulo: PUC-SP, 2005, n. 21 (1), p. 121-147.

82

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes. 42^a edição 2009.

CAVALIERE, Ricardo. Anchieta e a língua falada no Brasil do século XVI. *Revista Portuguesa de Humanidades*. Braga: Faculdade de Filosofia de Braga, 2001, n. 5 (1), p.11-21.

CAVALIERE, Ricardo. Contato linguístico no primeiro século da Colônia. *Revista Portuguesa de Humanidades*. Braga: Faculdade de Filosofia de Braga, 2007, n. 11 (1), p. 285-306.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

KALTNER, L.F. *A obra de Julius Platzmann (1832-1902) e a Linguística Missionária no Brasil: leitura crítica da descrição da mudança do fone [r] a [n] na gramática de Anchieta*

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. *Fonética e fonologia do português: Roteiros de estudos e guias de exercícios*. 10. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

BRAGA, Alzerinda de Oliveira. A fonologia segmental e aspectos morfofonológicos da língua makurap(tupi). *MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras*. Belém: Programa de Pós-graduação em Letras da UFFA, 1995/1996, n. 04, p. 07-22. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/moara.v3i04.3535>.

EDELWEISS, Frederico. *Tupis e guaranis: estudos de etnonímia e linguística*. Salvador: Secretaria de Educação e Saúde, 1947.

GABAS JÚNIOR, Nilson. Linguística Histórica. In: BENTES, A.C.; MUSSALIM, F. (Orgs). *Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras*. V. 1, 9. ed., revista. São Paulo: Cortez, 2012. p. 85-112.

KALTNER, Leonardo. Regna Brasillica: contextualização da Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil (1595). Campinas: *Revista da Abralin*, 2020, n.19, p.1-25.

KALTNER, Leonardo Ferreira. *Brasil e Renascença*. Curitiba: Appris, 2011.

KALTNER, Leonardo Ferreira. As ideias linguísticas no discurso De Liberalium Artium Studiis (1548), *Confluência*. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, 2019, n. 56, p. 197-216, 2019.

83

KOERNER, E. F. Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. *Revista da ANPOLL*. Florianópolis: ANPOLL, 1996, trad. Cristina Altman, n. 2, p. 45-70.

NAVARRO, Eduardo. *Dicionário de Tupi Antigo*. São Paulo: Global, 2013.

PLATZMANN, Julius. *Arte de grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil, feita pelo Pe. Joseph de Anchieta* [1595]. Edição fac-símile. Leipzig: Teubner, 1876.

PLATZMANN, Julius. *Grammatik der Brasilianischen Sprache mit zugrundelung des Anchi-eta*. Leipzig: Teubner, 1874.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Argumento e predicado em Tupinambá. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*. Brasília: UnB, 2013a, n. 3(1), 93-102.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Esboço de uma introdução ao estudo da língua Tupí. *Revista Brasileira De Linguística Antropológica*. Brasília: UnB, 2013b, 3(1), 31–44. DOI: <https://doi.org/10.26512/rbla.v3i1.16233>

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Morfologia do Verbo Tupi. Curitiba: Revista de Letras da UFPR, [1953] 2013c, 1, 121-152. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v1i0.20083>.

SWIGGERS, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. Traduzido por Ricardo Cavalieri. *Confluência*. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, 2013, n. 44/45, p. 39-59, 2013.

SWIGGERS, Pierre. Historiografia da linguística: princípios, perspectivas e problemas. In: BATISTA, Ronaldo (org.) et al. *Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019, p. 45-80.

VAN HAL, Toon. Between oblivion and instrumentalization. The vicissitudes of early-modern missionary grammars and dictionaries in 19th-century scholarship, and the special case of Julius Platzmann. Buenos Aires: *Revista argentina de historiografía lingüística*, 2020, XII, 1, 65-82.

VASCONCELOS, Carolina Michaelis. Julius Platzmann. *Confluência*, Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, 1998, 16, p. 106-110.